

**primavera**  
diogo liberano

**leste**

fevereiro de 2012

## **espaço e tempo da ação**

a ação se passa durante a primavera, na noite do dia 15 de outubro de 2012. segunda-feira chuvosa. dia dos professores. num casebre abandonado localizado em zona rural desconhecida, no interior do estado do rio de janeiro.

## **personagens**

ana. professora adjunta do departamento de história da universidade federal do rio de janeiro. ministra a disciplina *tópico especial em metodologia da história iv*, na qual, ao invés de cumprir a ementa prevista, opta por desdobrar possíveis caminhos para o seu projeto pessoal, intitulado *como escrever outra história*.

alex. aluno de ana.

brenno. aluno de ana.

ítalo. aluno de ana.

## **uma imagem ampliada**

*interior do casebre. chove fino do lado de fora. lamparinas a gás tremulam acesas sobre o chão de madeira envelhecida fazendo oscilar o tamanho das coisas e seres ali presentes. no chão, um martelo e alguns pregos compridos e enferrujados. há uma porta fechada. e uma janela lacrada por vigas de madeira.*

*ana está amarrada a uma cadeira de ferro, virada contra a parede sem janela nem porta. atrás dela, ligeiramente afastados, alex, brenno e italo a observam. ana esboça um gemido. alex ergue um revólver, encostando-o na cabeça da mulher. ela cessa o movimento e abre os olhos, devagar.*

alex – escuta uma coisa, isso aqui não é brincadeira. você foi sequestrada. eu tenho algumas perguntas que precisam ser respondidas imediatamente. portanto, quanto antes você respondê-las. quanto antes você for sincera, mais fácil vai ser ir embora daqui. não ouse gritar. tem uma arma apontada pra sua cabeça. e não tenha dúvida do que eu vou dizer: vontade de apertar o gatilho é o que não me falta. eu vou perguntar e você me responde, certo?

*ana faz que sim com a cabeça. os amigos se entreolham. é hora de começar.*

alex – fch693?

*ana não responde.*

alex – é uma pergunta. responda. fch693. o que é isso?

ana – eu não tô conseguindo pensar.

alex – prefere pensar com uma bala na cabeça?

ana – espera.

alex – não fode. fch693?

ana – código.

alex – do quê?

ana – tópico especial em metodologia.

alex – metodologia do quê?

ana – história.

alex – que história?

ana – iv.

alex – fch693?

ana – tópico especial em metodologia da história iv.

alex – e o que é isso?

ana – vocês são meus\

ítalo – se contente em responder as perguntas.

alex – tópico especial em metodologia da história iv.

ítalo – sobre o que é?

ana – discussão da historiografia recente do brasil contemporâneo.

alex – e o que mais?

ana – estímulo a pesquisa histórica de temas pouco visitados pelos historiadores. nesse âmbito.

ítalo – até parece.

ana – por que vocês\

alex – você não pergunta nada. entendeu?

*ana não responde.*

alex – eu te fiz uma pergunta. você entendeu que não deve perguntar nada?

*ana faz que sim com a cabeça.*

alex – então diga que sim. diga eu entendi. eu não devo perguntar mais nada.

ana – eu entendi. eu não devo perguntar mais nada.

brenno – só responder.

*ana faz que sim com a cabeça.*

brenno – diga. eu não devo perguntar mais nada, só responder.

ana – eu não devo perguntar mais nada, só responder.

brenno – então me responde: você fode gostoso?

alex – qual é, porra?

brenno – ela tem que responder.

alex – cala a sua boca!

ana – eu tenho que responder.

ítalo – cala a boca.

alex – você só responde aquilo que eu quiser que você responda.

ana – certo.

alex – certo?

ana – eu disse certo.

ítalo – tópico especial em metodologia da história iv.

alex – eixos temáticos. quantos são?

ana – 5.

alex – resposta errada.

ana – você sabe a resposta.

alex – você é quem precisa saber. quantos eixos?

ana – 6?

alex – já disse que você não pergunta!

ana – 6. são 6.

alex – quais são?

ana – auge da ditadura\

ítalo – por ordem cronológica. se é que você sabe o que é isso.

ana – 1. auge da repressão.

ítalo – boa. eixo número 2?

ana – 2. questão da luta armada.

ítalo – eixo 3.

ana – 3. questão da resistência.

alex – próximo eixo.

ana – 4. eu tenho sede, por favor.

ítalo – não desvia o assunto.

brenno – eixo 4, todo mundo sabe, responde.

alex – cala a boca!

ítalo – responde.

ana – 4. auge da ditadura, otimismo, copa do mundo\

brenno – julho de 1970\

ana – sesquicentenário da independência (abril a setembro de 1972).

alex – faltam dois eixos.

ana – 5. auge da ditadura.

ítalo – esse já foi.

ana – 5. auge da ditadura: milagre econômico (1969-1974).

alex – sexto eixo. qual é?

ana – revalorização da arena político-parlamentar.

alex – não entendi.

ana – anticandidatura de ulysses e vitória do mdb nas eleições de 1974.

alex – agora sim.

ítalo – os “autênticos” do mdb.

ana – isso.

alex – isso.

brenno – ela não é tão burra assim quanto parece\

ítalo – cala a boca!

alex – última pergunta. você pode tomar o tempo que for pra respondê-la.

ítalo – só não esquece que estamos esperando sua resposta faz tempo.

alex – essa é a última pergunta: como faz pra escrever outra história?

*todos silenciam. os três se entreolham. tudo foi feito para se chegar a resposta seguinte. eles aguardam ansiosos, enquanto ana abaixa a cabeça lentamente.*

ana – eu não sei.

alex – como fazer pra escrever outra história?!

ana – eu não sei.

brenno – como não sabe?!

ana – eu não sei.

brenno – você tem que saber!

ana – eu não sei.

brenno – ela tem que saber!

ana – é só um mote. um ponto de partida.

ítalo – é mentira sua! ela tá mentindo!

ana – um projeto para desbravarmos juntos\

alex – é uma invenção sua, é isso?

ana – é um desafio.

alex – um desafio?!

ana – é só isso. um jogo a ser jogado.

*alex passa a arma a brenno e sai do casebre, batendo a porta. ana tenta vê-lo saindo, mas ítalo segura sua cabeça com uma das mãos e a mira de volta a parede crua.*

ítalo – escuta uma coisa: eu vou lá fora falar com ele. enquanto isso, é bom você ir pensando na resposta que dará quando entrarmos de volta pela porta.

ana – o que vocês querem de mim?

ítalo – respostas. e não mais perguntas.

ana – espere\

ítalo – ele vai manter a arma bem aqui, na sua cabeça. qualquer coisa você manda bala e a gente acaba com essa palhaçada de uma vez por todas.

*ítalo sai em direção a alex. brenno desencosta a ponta do revólver da cabeça dela e, em seguida, com a outra mão, começa a mexer lentamente nos cabelos de ana.*

ana – você poderia atirar.

brenno – você poderia ficar quieta.

ana – me deixa sair, por favor?

brenno – não me peça nada. nem faça perguntas.

ana – vocês não sabem o que tão fazendo.

brenno – e mesmo assim você continua presa.

ana – eu não quero ficar aqui!

brenno – é melhor segurar seus gritos. a cada gemido seu eu fico mais excitado.

ana – eu tenho sede.

brenno – caguei pra você.

ana – por favor, eu preciso ir ao banheiro.

brenno – não temos banheiro.

ana – isso é uma casa?

brenno – não. um parque de diversões.

ana – você poderia atirar e pôr fim a tudo isso.

brenno – eu poderia.

ana – você pode.

brenno – eu posso.

ana – você poderia atirar nele. ou nele.

brenno – qualquer um poderia.

ana – e em você?

brenno – poderia.

ana – você poderia?

brenno – eu poderia.

ana – atirar em si próprio?

brenno – você poderia atirar.

ana – em você?

brenno – não. em si própria.

*silêncio entre os dois.*

brenno – mas ainda não é o momento.

ana – que horas são?

brenno – é noite.

ana – e o que você pretende fazer?

brenno – esperar pelos dois.

ana – eu quero saber quem são vocês.

brenno – você não vai gostar da resposta.

ana – eu quase reconheço a sua voz.

brenno – você de perto é tão mais óbvia.

ana – vocês são meus\

brenno – não ouse abrir a boca pra falar essa palavra!

ana – você não quer tomar uma decisão por eles?

brenno – não quero.

ana – não pode?

brenno – eu disse que não quero.

ana – não saberia decidir, é isso?

brenno – se alguém aqui não sabe das coisas, esse alguém é você.

ana – e se você pudesse não saber das coisas. o que você gostaria de esquecer?

brenno – eu gostaria de esquecer o seu cheiro.

*brenno puxa os cabelos de ana em direção a seu nariz. ela geme de dor. ele cheira seus cabelos como se quisesse reter em si algo dela que nele faltasse.*

*alex e ítalo discutem do lado de fora do casebre, sob a chuva fina.*

ítalo – não adianta voltar ao que foi planejado. ela disse não saber de nada. ela sequer parece preocupada com a porra da arma apontada pra cabeça dela.

alex – eu sei de tudo isso, tá? não precisa ficar repetindo. fale baixo.

ítalo – o que vamos fazer, cara?

alex – eu posso não saber o que fazer por pelo menos um minuto?

ítalo – não.

alex – eu não sou sua mãe pra aguentar pirraça sua. abaixa essa bola!

ítalo – beleza. então fala você.

alex – eu perguntei como faz pra escrever outra história. ela disse eu não sei.

ítalo – você acreditou nisso?

alex – acreditei.

ítalo – ela tá mentindo.

alex – ou é você que tá viciado demais na ideia de ser um filho da puta injustiçado pro resto da vida. pára de se fazer de sofrido. ela disse a verdade. eu não sei explicar. você ouviu. é um desafio. um ponto de partida. um jogo.

ítalo – e agora eu sou criança por acaso?!

alex – talvez seja.

ítalo – que papo é esse?!

alex – a gente quer mudar o mundo mas não dá conta da zona do nosso quarto.

ítalo – vai se fuder. você tá caindo no papinho dela. ela te se aproveitando da gente. é óbvio que tá. ela quer ficar por cima. quer se sentir forte, mesmo aqui.

alex – ela é forte. desde quando você não sabe disso?

ítalo – foda-se. o que eu quero saber é o que vamos fazer com ela.

alex – eu preciso pensar um pouco mais.

ítalo – pensar no que fazer com ela? eu te dou três alternativas agora. primeira. a gente deixa ela trancada lá dentro e vai embora. segunda. o brenno trepa com ela – que ele tá louco pra fazer isso – e a gente vai embora. terceira alternativa. a gente joga ela nesse córrego logo aqui. e depois vai embora.

alex – eu não tô jogando aqueles seus joguinhos idiotas de dar tiro, não.

ítalo – ah, não? vai me dizer que esse seu grande plano impecável é pesquisa de campo pra sua monografia?

*alex não responde.*

ítalo – eu tô cagando pro que ela tem a dizer. isso não vem mais ao caso.

alex – é óbvio que vem. toda essa merda é por causa dessa tentativa de escrever outra história. ela contaminou todo mundo com esse papo. é por isso\

ítalo – não é mais por isso. ela tá amarrada numa cadeira lá dentro. não tem mais nada a ser dito. só falta resolver o que fazer com ela.

alex – não simplifique as coisas.

ítalo – então pára de complicar tudo.

alex – escuta. você tá com medo. é isso.

ítalo – não tô.

alex – tá sim. eu sei, cara. te conheço. tá tranquilo. nenhum problema. mas me responde uma coisa com sinceridade. tem que ser com sinceridade. você não quer que ela responda essa pergunta que te atormenta faz meses?

ítalo – quero. claro que quero. eu quero.

alex – então você vai ter que ter paciência.

*alex saca um maço de cigarros amassado e acende um, tragando-o com voracidade.*

ítalo – você tá de sacanagem com a minha cara, só pode ser!

*alex, mordendo o filtro do cigarro, o traga ininterruptamente.*

ítalo – é tudo tão claro. ela usou a gente, esse tempo todo. essa mulher lançou uma questão impossível de ser respondida e fez todo mundo se fuder buscando uma boa resposta que nem mesmo ela parece ter.

alex – não fala merda.

ítalo – e não bastasse encher a gente de questões, a vadia ainda teve a coragem de dizer que as nossas respostas são medíocres.

alex – não é isso que tá em jogo.

ítalo – realmente não é. o que falta é só decidir o que fazer com o corpo dela.

alex – presta atenção: não fizemos o que fizemos pra se vingar simplesmente.

ítalo – escuta\

alex – escuta você: isso aqui é muito mais do que uma simples vingança.

ítalo – que seja.

alex – você ouviu?

ítalo – não é só o que você quer que seja, alex.

alex – você me perguntou o que fazer e agora eu tô dizendo: nós vamos entrar e continuar interrogando essa mulher. eu não saio daqui sem que ela me responda claramente aquilo que deveríamos ter respondido a ela.

*ítalo silencia.*

alex – e tem mais, ítalo: se você não tem nada melhor a dizer, abaixa a sua cabeça e pare de se achar mais especial do que você realmente é.

ítalo – cara, por que você não consegue aceitar uma opinião diferente da sua?

alex – porque a minha opinião tá certa. quer você aceite ela ou não.

*ítalo retorna ao casebre. alex caminha em meio a mata rasteira e estaca a beira do córrego escurecido, enquanto termina de fumar seu cigarro.*

alex – já tá feito. não tem mais volta. agora é ver no que vai dar. eu não sei. esse lugar. esse silêncio. ele parece chamar atenção pra cada coisa. tudo fica maior. e ao mesmo tempo fica tudo mais simples. eu tenho medo de perder o controle. mas tudo saiu como o planejado. até agora. tudo como foi planejado. exceto o cigarro. o meu cigarro vai acabar. e o que virá depois eu não sei dizer. e mesmo sem saber. o que eu sei é só que o depois virá. assim como a noite. o depois virá certo e sem atraso por sobre todas as coisas.

## **anamnese das constantes ocultas**

*brenno solta a arma e, cobrindo os olhos de ana com as mãos, deita a mulher – amarrada a cadeira – ao chão, sentando-se sobre a cabeça dela, blindando sua vista.*

brenno – é o seguinte: eu imagino que as coisas estejam escuras demais ai embaixo. paciência. talvez você precise gritar pra que eu possa ouvi-la perfeitamente. sem problemas. a cada grito seu a coisa fica melhor pra mim.

*ele percorre suas mãos pelos seios da professora e, depois, rumo ao sexo dela.*

brenno – não que eu realmente ache que você tenha alguma coisa valiosa pra ser encontrada. mas não custa procurar, não é mesmo?

*ele com as mãos entre as coxas dela.*

brenno – relaxa essas pernas, mulher. se você não quiser dizer nada eu vou compreender. quem cala consente, né? a gente tem que amolecer essa carne. dai quando os meninos voltarem, é só dividir entre os três.

*ana, levemente sem ar, treme sob o rapaz. ele abre o zíper da calça dela.*

brenno – tá querendo dizer que não gosta de ficar por baixo?! o que te faz achar tão capaz de sempre estar por cima? por que você não desce do salto? que fixação. não vai dizer que também você só gosta de trepar por cima?

*ele põe sua mão sob a veste da professora. logo ali em seu silêncio, agora atravessado.*

brenno – você me olhou com cara de quem precisava ser comida. foi mais fácil do que eu pensei. você aceitou meu drink porque já tava pensando nisso. não vem dizer que achou lisonjeiro o meu feliz dia dos professores. o dia dos professores é hoje, sua burra. e olha só o seu presente: vai ser comida por um aluno. você não tá feliz? se sim, dá uma gemidinha pra mim. se não tiver feliz, pode gemer também, porque eu tô. eu tô feliz pra caralho. é que de perto você é tão mais simples. é tão óbvia. que eu tô enfiando a mão desse jeito pra ver se encontro alguma graça em você, porque eu vou te falar, viu?, tá difícil.

*ana treme a si própria e a cadeira.*

brenno – calma. não goza inda não. quero que você sinta esse perfume.

*brenno ergue a mão e a cheira num respiro profundo. sai de cima de ana e, tampando com a outra mão sua vista, esfrega sua mão maculada sobre os lábios secos da mulher.*

brenno – é isso ai que você é pra mim. pra mim você é só isso mesmo. sem mais nem menos. mas isso não é pouco, você sabe né? isso é tudo.

*ana resmunga algo incompreensível.*

brenno – é isso o que fica. é esse o cheiro que não vale a pena esquecer.

ana – não é o cheiro que fica. é o gosto.

*brenno enfia seus dedos dentro da boca de ana. que de súbito os prensa entre seus dentes. brenno grita enfurecido enquanto soca o rosto dela, que finalmente o liberta.*

brenno – filha da puta! vai tomar no seu cu, sua escrota!!

*com a cabeça sobre o chão, ana mira brenno. alex e ítalo adentram o casebre. ela num segundo vê os três, um a um, com uma nitidez extraordinária.*

alex – que merda você fez?

ana – ele realmente tava se achando o chefe da tribo\

brenno – cala a boca, sua piranha\

ítalo – piranha tem dente afiado, você não sabia?

brenno – deixa eu quebrar a cara dela?

ítalo – fique a vontade\

alex – que porra é essa agora?! tá com fome, moleque, vai comer seu fandangos que ficou no carro. caralho, como é que pode uma coisa dessas?! eu não vou te lembrar o tempo inteiro o que você veio fazer aqui, tá me ouvindo?

*brenno se cala. ítalo ergue a cadeira com ana, virando-a de volta a parede.*

ana – eu vi seu rosto.

ítalo – e daqui a pouco vai ver meu pau batendo na sua cara.

ana – eu sei quem são vocês.

ítalo – mas não faz ideia do que vai acontecer se continuar falando\

ana – eu exijo que me soltem!

*ana tenta continuar mas ítalo a ergue um pouco acima do chão, pelos cabelos.*

ítalo – se eu te exigir tudo o que eu quero de você\

brenno – ela não vai falar coisa alguma mesmo assim. nem adianta. eu já tentei de tudo. coloquei a arma na boca dela e nada. ela tá fazendo a gente de palhaço isso sim. pra mim já deu\

alex – brenno, vai tocar a sua siririca lá fora\

brenno – não foi esse o combinado\

alex – e você acha que pode exigir alguma coisa? eu sei que você quer ser útil, mas isso não é fácil pra todo mundo. faz o seguinte: depois que você gozar, lava essa mão e pega uma lata de alumínio que tá no porta-luvas do carro.

ítalo – tem certeza?

alex – é só o que falta.

brenno – do que cês tão falando?

ítalo – assunto de gente grande. vai tocar sua punheta e depois traz a lata.

*alex joga a chave do carro sobre brenno. ele sai, puto. ítalo pega a arma do chão.*

ana – vocês sabem que perderam o controle.

alex – é verdade.

ana – alex?

alex – ítalo\

ítalo – não fala\

ana – ítalo\

alex – eu preciso que você fique de olho no brenno\

ítalo – ele vai fazer merda, não vai?

alex – ele vai fazer merda\

ana – ele já fez.

ítalo – vai a merda.

ana – o que vocês querem de mim?

ítalo – você tem alguma coisa pra nos dar?

ana – vocês ao menos sabem o que vocês querem de mim?

alex – não sabemos nem creio que conseguiremos saber. a sua presença nos deixa confusos. nós perdemos completamente o controle dessa situação.

ana – vocês perderam o controle\

ítalo – e quem vai se fuder com isso é você, sua esperta.

alex – exato. somos três adolescentes descontrolados. e em plena puberdade.

ana – por que esse tom comigo?

ítalo – pra tentar fazer frente ao seu cinismo.

alex – ou melhor: pra tentar responder a sua refinada pedagogia de merda.

ítalo – perdemos a paciência com o seu joguinho.

ana – que jogo?

alex – o seu ponto de partida. o seu mote. o seu grande desafio.

ana – me deixem ver vocês.

ítalo – não me obrigue a isso.

*alex vira a cadeira. a um metro dela, ele se senta ao chão. ítalo permanece de pé.*

ítalo – você prefere morrer afogada ou com um tiro no meio do estômago?

alex – ninguém vai morrer aqui.

ítalo – é claro que vai.

alex – eu disse que ninguém vai morrer aqui.

*ítalo silencia.*

ana – então você é o chefe da tribo?

alex – você tem um péssimo senso de humor. mas é isso mesmo.

*ítalo mira alex, que segue debochando da situação.*

alex – eu sou o chefe dessa tribo.

ana – me deixa partir, alex.

alex – não diga meu nome como se você fosse minha amiga ou alguém que de fato se preocupa comigo. o que eu sinto por você é ruim demais. e quanto mais você tenta ser doce comigo, mais amargo eu fico\

ana – eu estou tentando conversar com você\

ítalo – você tá tentando se dar bem\

alex – chega desse papo. eu trouxe uma coisa que um amigo da química demorou um bom tempo pra arranjar. eu trouxe pra usar contigo, caso você se comportasse da maneira suja como tá se comportando\

*brenno abre a porta, com uma pequena lata retangular em mãos.*

brenno – aqui está. que porra é essa?

alex – pentotal sódico.

ana – onde conseguiu?

alex – o conhecimento produz cada coisa que nem dá pra imaginar\

ana – é proibido\

alex – e quantas outras coisas proibidas a gente não se cansa de produzir?

ana – vocês passaram do limite.

alex – dos limites. não simplifique a coisa toda\

ana – não! vocês precisam me escutar!

*ítalo dá um tiro numa lamparina a gás, que explode e flameja calor pelo cômodo.*

ítalo – isso aqui não é uma aula sua, entendeu? você me entendeu? eu não aguento mais te escutar como se você soubesse tudo sobre a vida dos outros. se enxerga, sua pilantra! você parou no tempo e tá exigindo que os outros dêem conta daquilo que você não conseguiu resolver. você não pode falar como se os outros fossem responsáveis pelo o que você foi fraca demais pra compreender! ninguém aqui precisa te escutar e se você insistir um pouco mais, não tenha dúvida!, serei eu o cara a te atravessar uma bala cabeça afora.

*silêncio brusco. alex e brenno, no chão, miram ítalo: de pé, em respiração ruidosa.*

ítalo – brenno, entregue ao alex.

*alex recebe a lata.*

alex – alguém aqui lembra o que faz o pentotal sódico?

brenno – é o famoso soro da verdade?

ítalo – sim, nem tudo é ficção.

brenno – qual a quantidade?

alex – se for bem usado, a gente consegue o que quer.

brenno – mas qual é a quantidade? exatamente?

alex – não dá pra matar, cara. se é isso que você tá querendo saber.

ítalo – pena.

brenno – eu queria saber se pelo menos dá pra dar uma onda.

ítalo – é um analgésico fortíssimo usado pra aliviar as dores do parto.

alex – obviamente que se a nossa prisioneira colaborar, nem vai doer. eu aplico direitinho numa veia qualquer.

ítalo – mas se fizer escândalo e quiser resistir, a chance de injetar num músculo pode tornar a coisa mais divertida, se é que vocês me entendem.

alex – como você vê, mais uma vez está tudo em suas mãos, querida professora. vai ser o quê?

*ana abaixa a própria cabeça, cansada.*

brenno – ela é tão óbvia\

alex – e já que você não é, coloca cinco unidades na seringa, brenno.

*alex devolve a lata a brenno, que tira dela uma seringa e uma ampola de vidro quase vazia. ele se aproxima da lamparina junto a porta e cumpre o que lhe foi pedido.*

alex – última tentativa antes da derradeira.

ítalo – vamos fazer uma anamnese.

ana – anamnese?

alex – sim. ana...mnese.

ana – o que vocês querem recordar?

alex – quando tudo começou.

ana – tudo o quê?

ítalo – essa exigência que você lançou pra cima da gente\

alex – essa necessidade de ter que escrever outra história\

ana – como escrever outra história.

ítalo – como escrever outra história?

ana – não é pra ser uma pergunta\

ítalo – não fode!

ana – é um mote. uma afirmação irresoluta! uma frase visando desdobrar tentativas, relações possíveis. é um pretexto para jogar com o conceito de história. para jogar com a nossa visão sobre o que a história é e tem sido.

alex – não é uma palestra sua, me economiza.

ítalo – fale em 140 caracteres, por favor.

alex – por que escrever outra história?

ana – eu queria que vocês especulassem alguma resposta.

ítalo – só porque você é incapaz de respondê-la?

ana – pode ser. mas sobretudo pelo interesse de vê-los pensando\

alex – tem a ver com pontos de vista\

ana – não só isso\

ítalo – você já ouviu. ou melhor. você leu o que a gente pensa a respeito disso\

alex – e achou pouco, não foi?

ana – eu sinto muito. mas não há gabarito.

ítalo – como pode então haver reprovação?

ana – é simples. vocês sofreram a questão ao invés de jogar com ela.

ítalo – a sua questão, você diz?

ana – a minha questão.

ítalo – sua em que sentido?

ana – é uma busca minha.

ítalo – neste momento?

ana – é isso.

ítalo – o que te faz pensar que ela possa ser interessante?

ana – é interessante pra mim. pensei que pudesse ser pra vocês.

ítalo – o que te faz se achar tão especial assim?

ana – a certeza de que eu não preciso da sua aprovação pra ser especial.

ítalo – mas, ao contrário, eu ainda preciso da sua, certo?

ana – meu caro, você realmente me trouxe até aqui por causa de um zero?

brenno – três zeros, no caso.

alex – brenno, daqui pra frente você não abre mais a boca.

ana – realmente. é pior do que eu pensava.

*ítalo ri.*

ítalo – faz uns três meses que a sua brincadeira pessoal tem mexido comigo, sabe? eu diria que tem me tirado o sono. e não é só comigo. não mesmo. por tudo isso, já vale você se sentir vitoriosa. agora, a questão pra mim, é ter que te olhar, dia após dia, sustentando esse seu orgulho comprado.

alex – e por quê?

ana – por que o quê?

alex – por que você acha que a sua tese está nos consumindo?

ana – porque eu sinto que talvez vocês não deversem ter que dar conta de coisas que nunca lhes fizeram o mínimo de sentido.

alex – me diz então. o que não me faz mais sentido?

ana – a guerra.

alex – qual delas?

ana – a dos seus avós.

alex – que mais?

ana – a ditadura e repressão sofrida, quem sabe, pelos seus pais e tios.

alex – isso não é meu.

ana – nunca foi. mas e se fosse?

alex – não é.

ana – não é mesmo. então por que não lidar melhor com tudo isso?

ítalo – o que é a guerra pra você?

ana – é no mínimo arrepio. é físico. não é história. e pra você?

ítalo – revistas, filmes e livros.

alex – todos eles imensos e repetitivos.

ana – o que mais te dói?

alex – perdão, professora, mas eu não vou dizer a revolução.

ana – a revolução que não veio, a princípio.

ítalo – e a sua ementa nos fez afundar justamente nisso que você diz não nos fazer mais sentido?

alex – nós sofremos a história recente do nosso país\

ítalo – porque o tempo inteiro ela nos foi dada como o mais importante\

ana – e pra quê?

ítalo – assim como você, eu também não tenho resposta pra isso.

ana – mas acreditaram o tempo todo em tudo o que eu dizia?

ítalo – não me diga que não deveríamos ter acreditado!

ana – não é questão de acreditar. é de saber porque se acredita.

alex – tem certeza que essa sua pesquisa pessoal é só uma nova ementa?

ana – pensar o mundo de fato é muito mais que isso.

ítalo – e escrever outra história, é o quê?

ana – não sejam literais.

ítalo – o que você queria?

ana – que vocês pensassem. e não que repetissem tudo o que eu digo.

ítalo – por que será que eu ainda não estou convencido da sua bondade?

*ana se agita presa a cadeira, de súbito exaltada.*

ana – porque vocês abriram novos lugares, experimentaram tentativas!, mas nunca se permitiram indagar sobre o porquê do caminho percorrido\

alex – abaixa essa voz\

ana – eu preciso falar do que realmente aconteceu! preciso falar da sua incapacidade, da sua infantilidade crônica e auto-comiserativa. em achar que o mundo é uma coisa que possa ser repetida. eu vou falar do medo que você tem das perguntas. eu vou falar da sua fome doentia por comida de microondas,

por resposta pronta e congelada. eu quero falar da sua indisciplina em se perguntar qual é o seu propósito em relação ao mundo que te atravessa. eu queria saber se há em vocês alguma fagulha da necessidade que eu exigi desde os inícios. se ela existe realmente em vocês. se importa a vocês olhar pra vida e lhe dar outro sentido. porque falsear respostas num trabalho de faculdade vocês sabem. mas se dentro de vocês bate outra coisa que não tudo isso, o que fazer? repetir o já feito? fazer bonito? não. eu preciso acreditar que vocês podem mais que isso. mas por que vocês teimam em se sentir escravos quando na verdade aquilo para o qual eu lhes convido é justamente um jogo visando outro amanhecer possível?

ítalo – cara professora, as suas palavras são lindas. seus tempos verbais são genuínos. você tem um prosa rimada e cheia de efeito. mas é fato que você se usou da gente pra desdobrar as questões do seu próprio umbigo\

ana – me escuta\

*ítalo estapeia ana. alex se ergue.*

alex – espera, ítalo\

ítalo – a seringa, alex.

alex – escuta\

ítalo – a seringa! eu quero a seringa!

*silêncio brusco e fulgás. brenno não está mais ali. no chão, próximo a porta, a lata resta aberta com uma ampola de vidro esvaziada. não há seringa.*

alex – cadê ele?

ítalo – tava aqui!

alex – eu sei, porra!

ítalo – vá chamá-lo!

alex – eu disse pra você ficar de olho nele!

ítalo – eu não sou seu empregado!

alex – caralho!

*alex sai. ítalo mira ana. ele se aproxima dela e apóia a arma sobre seu colo. segue até a porta, fechando-a silenciosamente. retorna até ana e cola sua face na dela.*

ítalo – chegou a minha vez de brincar um pouquinho contigo.

## **permanências e mudança**

*brenno a beira do córrego negro e caudaloso. semi-dopado. sem casaco nem destino.*

brenno – turbante. tunísia errante. tu que não é tu. tu que me agrada. túnica. tu que persiste em mim feito turbo, feito tumor. tumor mór. tumor genuíno, que consome tudo no primeiro toque. tu, dor. que é tudo. alto lá! automóvel. autocrítica, eu diria. automático. automágico. automaze, eu diria autofágico. autofágico eu diria, alto! ria baixo. alto ria quente dentro e sem fim. auto ri de mim. sem problemas. ele zomba de mim. quem é ele? automóvel incapaz de dizer quando vem ou vai, se é para mim ou para você. autópsia de natal\

*alex surge por trás de brenno, abrupto.*

alex – me dá a seringa!

brenno – apareceu a margarida\

alex – a seringa, mongol.

brenno – o mar levou\

alex – a seringa, brenno!

brenno – o fandangos acabou mas eu achei uns no chão do automóvel\

alex – foda-se. eu não vou pedir de novo. a seringa!

*brenno cai de costas, deitando-se sobre a grama rasteira. alex mira seus olhos.*

brenno – isso que cai é chuva ou é chumbo?

alex – brenno, por favor\

brenno – se for chumbo eu vou chorar. mas se for chuva, eu choro também\

alex – por favor, me diz que você tá chapado\

brenno – eu só queria ser chupado, cara!

*brenno se ergue rapidamente e cambaleante se lança em cima de alex, gritando.*

brenno – eu só queria ser chupado!

alex – fala baixo!

brenno – eu não gosto do jeito que você fala comigo eu sou um cara ótimo que se chama seu amigo\

alex – meu deus, você injetou a parada em você mesmo?

brenno – totalmente.

alex – não diz isso.

brenno – eu digo o que o mundo tá querendo ouvir!

alex – me dá a seringa. o ítalo tá esperando\

brenno – ele também tá puto com você por que você faz assim bancando o imperador da tunísia. não é engraçado como os imperadores morrem pra que outros assumam o seu lugar? eu não quero ser imperador\

alex – não começa!

*alex empurra brenno para trás e dá meia volta para retornar ao casebre, mas brenno o rende por trás, aprisionando o amigo em seus braços.*

*dentro, ítalo vaga pelo espaço enquanto ana, com a arma sobre o colo, o acompanha.*

ítalo – como você percebeu, não temos muito mais o que fazer contigo. se o alex não voltou até agora é porque ele e brenno devem estar se divertindo lá fora. mas eu tô aqui. andando pra lá e pra cá justamente pra conseguir te propor algo melhor. eu costumo andar pra movimentar as ideias. não que elas já não estejam agitadas. mas a sensação contigo é sempre do zero. com você a sensação é de que o muito nunca é bastante. é sempre pouco. e é um esforço terrível dar conta dessa sua fome fingida a pedagogia. quantas teses você tá vendendo pra exigir tanto assim dos seus alunos, hein? eu conheço esse mercado. não é só você quem trabalha escondida. escrever outro história é o caralho. você quer mesmo é que a gente escreva só mais uma. porque é bem isso. afinal, o que estamos fazendo na universidade pra além de repetir o mesmo? a galera só tá mudando a capa e o ano da publicação. veja bem: não me entenda errado, as coisas que eu tô falando você não precisa concordar e eu até acho melhor você nem se manifestar. porque sem dúvida – e isso foi você quem me ensinou – o que mais vale é aquilo que nem chega a ser dito, né? o que realmente importa é só o que a gente mata, preso aqui dentro\

*ítalo estaca. ana engole a própria saliva.*

ana – eu tenho sede.

ítalo – eu tava pensando nisso.

ana – por favor, meus braços estão doendo\

ítalo – uma coisa de cada vez.

ana – o que você pretende?

ítalo – o que eu pretendo?

ana – o que você quer, afinal?

ítalo – se eu pudesse te pedir alguma coisa, com sinceridade, eu pediria que você me dissesse exatamente o que eu mais quero nesse momento\

ana – você queria não sentir tanto medo\

ítalo – agora você quer cortar meu barato?! não senhora! o medo é meu e eu tô aqui jogando com ele de boa. sem sofrimento. exatamente do seu jeitinho.

ana – você tá jogando sozinho, garoto\

ítalo – isso quer dizer que aquilo que eu vou fazer contigo daqui a alguns instantes, dona\ bom. nem sequer importa que você saiba. afinal, eu também cansei desse falatório. cansei de tentar responder pergunta que não tem resposta. e mesmo que eu fale ainda mais, mesmo que a minha língua se desprenda e caia nesse chão, mesmo que você morra engasgada com toda essa sua prosa falida, mesmo assim, tudo isso é genial demais pra terminar sem comemoração\

*ítalo avança de súbito, se jogando aos pés de ana e beijando-a com avidez e desespero.*

*fora do casebre, brenno aperta o rosto de alex e grita descontrolado em seu ouvido.*

brenno – você me deve uma chupada!

alex – que porra é essa?! cala a boca! você fudeu com tudo!

brenno – menos ela! e olha que ela tá amarrada! deixa eu comer ela, chefe?

alex – pára de gritar\

brenno – então você me chupa?

*brenno aperta o pau de alex.*

alex – tá machucando, brenno! solta! caralho, solta\

brenno – eu tenho um tumor cheio de amor pra dar. ela bebeu meu drink. ela tinha que me amar. cara, o seu pau é pequeno. eu posso chupar se você quiser\

alex – solta! chega!

*alex soca a cabeça de brenno batendo em seus dois ouvidos. ele despenca ao chão.*

alex – viado filho de uma puta! viado da porra! cadê a seringa???

*brenno grita ao céu.*

brenno – o mar que a levou também vai te engolir!\

*alex chuta a cara do amigo, que resta desacordado sobre a lama escura e pegajosa.*

*dentro, os lábios se desprendem sem sangue ou palavra desavisada. ana mira ítalo, que volta a caminhar sobre o chão de madeira truncada.*

ana – deu pra matar a sede. obrigada.

*ele estaca.*

ana – você não vai falar nada?

ítalo – o que você quer que eu diga? que pergunte se foi bom pra você?

ana – sempre o óbvio.

ítalo – eu talvez seja um pouco óbvio mesmo.

ana – mas, pelo menos, sabe beijar.

*ítalo, de longe, mira a professora com a arma sobre o colo.*

ana – escuta, garoto. o que você espera de mim é tão impossível quanto o que você espera do mundo. eu não vou dar conta dos seus problemas. eles são seus. sabe aquele seguro de vida que a sua mãe ou seu pai ainda pagam pra você? ele é de mentira. ele não vai te salvar, não vai te proteger. a sua saúde extrapola o seu corpo. o seu vício destrói pra além do seu estômago, pulmões e sentidos. não me deixe te dar uma lição de moral agora. porque a cada vez que eu tenho que fazer isso, mais eu me machuco. mais eu descubro, enfim, o quanto eu mesma fui desprezível. não me deixe continuar porque hoje, eu tinha esquecido, hoje eu percebi que eu posso te enlouquecer com essa sequência de palavras conscientemente arranjadas pra perverter o seu caminho e nublar a sua vista. não me deixe continuar, porque se eu o fizer, junto nisso virá todo o meu pavor, o meu ódio e tormento. virá junto nisso a minha história não-coagulada. não me deixe continuar porque eu posso te dar o sentido do gatilho. eu posso não porque eu posso, eu posso porque é você quem me diz isso, meu caro. é você que vê em mim esse monstro que te atropela e domina. é você que vê em mim mais que um salto alto. é da sua vista que escorre o óleo que desenha as engrenagens deste mundo. você não é menor. você não é maior. você sou eu. por favor, eu te peço. não me deixe continuar, porque tudo o que eu mais desejo é nós ver ultrapassando tudo isso\

*italo caminha lacrimejante até a professora. retira de seu colo a arma – mais pesada que antes – e volve ao ponto de onde tinha partido.*

*ofegante, alex se aproxima do corpo de brenno, lançado ao chão e desacordado.*

alex – não faz isso comigo, porra! brenno? brenno? caralho, cara! você não ajuda! meu deus, fudeu. brenno? puta que pariu! foi mal! tá sangrando\

*alex vasculha a beira do córrego a procura da seringa. não há luz, exceto um fiapo de lua negra. num leve desespero, ele estaca e acende outro cigarro, amassado.*

alex – eu penso sobre a minha inteligência. vou pensar sobre o quê? eu penso sobre como a utilizo sempre pro menos. sobre como me machuco e sobre como transformo em dor o meu amor pelas coisas. nasce abrupto um desejo de revolução. paradoxo. eu penso sobre a vida, sobre os meus amigos, meu deus, sobre as perdas e sobre o que tô fazendo comigo. eu penso sobre o câncer do mundo e me ponho em cheque: queria usar minha esperteza para amanhecer o mundo com calor ameno. com cuidado atento e repetição florida.

*de súbito, italo atira em outra lamparina. quase breu dentro do cômodo. em quatro segundos, alex atravessa a porta soltando fumaça pela boca.*

italo – ela precisa morrer! me diz qualquer coisa que interrompa esse tiro\

*ele mira ana, que repentinamente fecha os olhos.*

alex – não! morre todo mundo aqui dentro menos ela!

*italo estala os beiços, recua seu braço e enfim atira, contra a própria cabeça.*

## **post-scriptum sobre a dominação e o amor**

*sangue escuro faz poça sobre o chão de madeira. alex salta por sobre o corpo de ítalo.*

alex – não pode! não isso! caralho, moleque! meu deus, por favor, isso não!  
tudo menos isso! não, por favor, isso não!

*alex se desespera em vão, colérico por sobre o corpo do amigo que em torrente se esvazia. ele bate no peito de ítalo, que responde sangue. apenas.*

alex – não! chega! acabou! chega! é mentira! acabou! levanta, ítalo. levanta!

*ele se ergue, sujo de sangue e aos prantos, vagando perdido pelo cômodo em silêncio.*

ana – o jogo acabou\

alex – chega!

ana – acabou ou alguém mais precisa morrer pra você perceber isso?

alex – o que você disse a ele?

ana – foi você quem disse.

alex – o que foi que você disse? antes de eu entrar? o que você disse?

ana – ele me deu um beijo.

alex – mentira!

ana – um beijo e depois se deu um tiro.

alex – é mentira sua! o que eu faço?

ana – foi isso.

alex – o que vamos fazer?

ana – não é você o chefe da tribo?

alex – como você consegue fazer tudo isso? como é que você consegue?

ana – eu me pergunto o mesmo sobre você, meu querido.

*alex sai correndo do cômodo, cruzando a porta e correndo pela grama submersa. ele tira do bolso um aparelho celular, procura o sinal e estaca.*

alex – atende. porra, atende. atende\

*alex limpa a testa com a mão suja de sangue. respira trêmulo e exasperado.*

alex – oi gatinha. oi, sou eu. o sinal tá ruim. vou falar rapidinho. tudo bem. tá tudo bem. não, escuta. me escuta um segundo. lembra daquela parte daquele lugar logo depois que sobe a serra, saindo da cidade, logo depois que sobe, você lembra? isso. do piquinique. isso. logo depois que sobe, acho que uns três quilômetros depois. isso. exato. o casebre velho e vazio, a grama baixa, a árvore colada ao rio. de margens finas. é que eu tô aqui. eu vim com os meninos. os meninos. o brenno. eu e o brenno. e o ítalo. o ítalo também veio. ele tá aqui. pois é. coisa nossa. só que os meninos fizeram coisa errada. e não tão se sentindo muito bem. de carro. tô de carro. mas eu também não tô me sentindo muito bem. não sei. pode ter sido. comida de estrada. eu não sei, mas eu queria saber se você podia vir. com a sua mãe. traz ela junto. é. desculpa tudo isso. eu preciso de você. nada demais. mas seria bom saber que você tá vindo\

*desliga o telefone e o comprime sobre o peito.*

*brenno adentra o cômodo.*

brenno – eu ouvi som de tiro.

*olha ana sentada.*

brenno – você ainda tá aqui? pensei que tinham te matado? você não morre?

*ana abaixa a cabeça.*

brenno – eu tô falando contigo. me responde. onde estão os meninos?

*ana muda.*

brenno – não vai falar nada? que foi? o gato comeu sua língua? se eu fosse gato eu também comeria. cadê a arma? eu tô te perguntando uma coisa simples!

*ana sinaliza com a cabeça o corpo de ítalo. brenno tira a arma da mão do amigo.*

brenno – o que foi aqui?

*breve silêncio.*

brenno – o que foi aqui? eu tô te perguntando! ajuda eu!

ana – ele se deu um tiro.

brenno – amigo, quem te fez isso?

*ítalo não responde. brenno limpa com a mão o sangue que lhe escorre pescoço abaixo.*

brenno – eu também tô sangrando, amigo.

ana – quem fez isso contigo?

brenno – eu quero saber quem fez isso com esse menino.

*brenno oscila a arma entre o corpo do amigo e a professora aprisionada.*

brenno – foi você. pode falar.

ana – não.

brenno – diz assim. fui eu quem fez isso.

ana – eu já disse que não\

brenno – repete o que eu disse!

*brenno firma o revólver em direção a professora.*

brenno – sua última chance. vou contar até três. quando acabar, se você não gritar imediatamente eu juro que eu te atiro. eu vou contar até três e você grita. se você não gritar, eu te estrago em três segundos, ouviu? 1, 2, 3\

*ana grita. brenno atira na penúltima luminária a gás. alex surge, em meio a fogo e grito. ele pega o martelo jogado ao chão na entrada do cômodo e o lança, direto em brenno, que cai rachado sobre o chão, próximo a italo.*

ana – chega. me tira daqui agora. eu não quero mais ver isso.

alex – ainda não acabou. eu ainda estou de pé.

ana – você enlouqueceu.

alex – por favor, você é uma professora, escolha melhor suas palavras.

ana – vamos embora, por favor?

alex – perdi a vontade.

ana – seus amigos estão machucados\

alex – estão mortos. por favor, sem falsidade.

ana – chega de falar\

alex – quanto mais eu falo mais lido melhor com tudo isso.

ana – o que mais falta ser dito?

*alex vai até o corpo de brenno, que geme em respiração descompassada, e pega a arma. se aproxima de ana, balançando o revólver como se sorteasse cego os destinos.*

alex – eu não sabia que a gente podia tudo isso. eu tô surpreso. não preparei as melhores palavras. nem sequer me vesti direito. mas esse desfile horrendo precisa acabar. perdeu a graça. ou talvez tenha perdido o sentido. porque teve tudo isso. dentro de mim – num momento – morou todo o descontentamento do mundo. dentro de mim, coisas sem nome me pedindo solução. e olha onde eu cheguei: na crista da onda, como diria minha mãe. eu cheguei no topo. no topo da incompreensão. talvez do cansaço. é isso. esse cansaço genuíno que adormece toda e qualquer tentativa. eu não quero mais ter que fazer força pras coisas voltarem a ser possíveis. eu desisto\

*ana grita, desesperada.*

ana – espera! por favor, faça o que você fizer, por favor, me solte antes.

alex – você interrompeu a minha fala pra pedir pra sair? eu tava lindo e destruído, declamando uma carta qualquer, que não era nem de despedida muito menos de suicídio. qual é a sua, porra? tem que assistir até o final. essa merda que tá acontecendo aqui é sua também. isso é seu. se responsabilize.

ana – isso é você.

alex – eu sou você. ou você não sabia disso? eu sou você. igualzinho. esperto. esbelto. mas eventualmente com sérios problemas conceituais. afinal, pra que foi que serviu tudo isso? eu já nem sei dizer.

ana – pra que serviu tudo isso?

alex – eu não sei...

ana – pra que tudo isso?

alex – eu não sei, mãe.

ana – eu não sou sua mãe.

alex – mas me pariu, sua escrota. me pariu seco e incapaz. você me graduou nessa sua dança macabra do cinismo. por que não ser mais clara, ana? meu deus, pra que complicar o que já nasce claro desde o início? eu não entendo. eu tô armado de mentiras até aqui, ó! eu sou um puta irônico-depressivo. que merda você fez comigo! que primeiro mundo! que genocídio! você fez tudo errado e isso aqui nem sequer tá perto de ser o fim. porque você, ana, você vai lembrar de mim. você vai lembrar dos meus amigos. sempre que deitar sua cabeça sobre o seu colchão branco e solitário. você vai lembrar daquilo que poderia ter sido feito ou dito. você vai se lembrar de mim quando um pau lhe cortar o sorriso. sempre que pensar no tempo, eu estarei nele contigo. isso não

se escolhe, meu amor. isso não se apaga. não se esforce pra me lembrar. quanto mais você me esquecer, mais junto eu estarei contigo.

*alex solta a arma. retira o último cigarro do casaco e o acende, se aproximando de ana.*

alex – se escreve outra história, professora, sempre que não se tem medo de ser esquecido. agora eu acho que se escreve outra história se houver o risco de vê-la partindo sem gesto ou palavra que interceda seu destino. outra história só se escreve, eu realmente acho, se não estivermos escrevendo nada disso. mas me diz: com que mão a senhora escreve?

*ana não responde.*

alex – não tenha medo. é uma pergunta objetiva. pra que você possa começar a escrever outra história, como sempre quis.

*ana embargada.*

ana – direita. eu escrevo com a direita.

*com cuidado, alex desamarra a mão esquerda de ana. ele a comprime entre as suas mãos. depois se vira, pega a arma e estaciona frente a brenno, que ainda geme.*

alex – também te amo, amigo.

*alex acerta a cabeça de brenno com um tiro e se volta a ana.*

alex – a senhora me empresta o seu dedo indicador?

*ana estica sua mão em direção a alex. ele se aproxima dela e abocanha o dedo indicador da professora, chupando-o levemente por alguns segundos.*

alex – isso é pra pólvora lhe fazer tatuagem depois que soltar o gatilho.

*ele ajusta o revólver na mão da professora e posiciona seu dedo úmido sobre o gatilho.*

alex – pense que eu estou escrevendo o prólogo. o resto vai ter que ser contigo.

*depois espreme o seu dedo junto ao dela e se senta aos pés da mulher. alex deita sua cabeça sobre o colo de ana e posiciona a arma contra a própria nuca.*

alex – você me lembra demais a minha mãe. eu queria te pedir uma coisa que eu costumava pedir a ela. depois que eu dormir, segue fazendo carinho na minha cabeça. só pra que o sonho chegue mais rápido.

*em movimentos contrários, os indicadores se enfrentam. alex para dentro. ana para fora. o desespero é mútuo e idêntico. é quase manhã do lado de fora.*

*ana cede. alex estoura.*